

A PALAVRA “LUPA” E SEUS COGNATOS EM BUCHANAN

Prof. Dr. Francisco de Assis Florencio – UERJ

RESUMO

Objetivamos, com este trabalho, apresentar, traduzir e comentar um poema de George Buchanan, ilustre renascentista escocês, que versa sobre a palavra *lupa* e seus derivados. O *carmen* é endereçado à cidade de Roma e faz parte de uma coleção de poemas intitulada *FratresFraterrimi*. Esta coleção é composta, em sua maioria, por versos que satirizam a Igreja, seus mandatários e, de forma mordaz, os discípulos de São Francisco. Assim, ao descrever o passado e a origem gloriosos de Roma, o vate escocês aproveita para alfinetar aqueles que, em seu tempo, aproveitam-se de sua posição eclesiástica para realizar todo tipo de absurdo.

Palavras-chave: Renascimento, Latim, *lupa*, Buchanan

THE WORD "LUPA" AND ITS DERIVATIVES IN BUCHANAN

ABSTRACT

In this work, we aim to present, to translate and to comment a poem by George Buchanan, an outstanding renaissance Scot, that is about the word *lupa* and its derivatives. The *carmen* is addressed to the city of Rome and is part of a collection of poems entitled *FratresFraterrimi*. This collection is composed, in most of its parts, of verses that satirize the Church, its representatives and, in a mordacious way, the disciples of San Francisco. So, by describing the past and the glorious origin of Rome, the Scottish bard intends to attack those who, in his time, take advantage of their ecclesiastic position to practice all kind of absurdity.

Key words: Renaissance, latin, *lupa*, Buchanan

INTRODUÇÃO

A obra de onde foi tirado o poema a ser analisado é *FratresFraterrimi*. Esta coletânea de *carmina* compõe, juntamente com *Somnium*, *PalinodiaeFranciscanus*, um conjunto de versos satíricos que têm, por objetivo principal, ridicularizar a Igreja, seu clero e, em particular, os Franciscanos. Essa animosidade para com os membros da Igreja Católica é confirmada pelas palavras de Domingos Maurício:

As suas injúrias aos eremitas de Santo Antão de Bordeus, que viviam da criação e venda de porcos e para os quais ele pede ao santo que os mantenha com bolota, porque não merecem mais; as suas alfinetadas aos Papas Júlio II, Clemente VII, Paulo IV, Júlio III, Pio IV, oferecem modelos acabados da sua veia anticlerical. (D. M. G. dos Santos, 1963-64: 283).

A antipatia de Buchanan para com os Franciscanos se iniciou quando ele se tornou professor de Lorde James Stewart, filho bastardo do rei James V. Já com tendências reformadoras, Buchanan, na corte, envolveu-se em uma série de controvérsias com os Franciscanos, sendo nesta arenga, apoiado e encorajado pelo rei a produzirem sátiras agudas contra a Ordem de São Francisco. Seus ataques se tornaram cada vez mais fortes, culminando com a obra *Franciscanus*, onde ele não poupa nenhum aspecto negativo da conduta dos frades. Nesta obra, os vícios dos Franciscanos são expressos de forma concisa, como princípios gerais, seguidos por uma declaração enfaticamente antitética que tem por objetivo apontá-los e rejeitá-los. Deste modo, Buchanan ataca o servilismo e a falta de caráter e vergonha daqueles que dizem seguir ao santo italiano. Por fim, nos *FratresFraterrimi*, graças às suas ideias protestantes, combate e ataca a corrupção das ordens religiosas e a adoração às imagens e às relíquias.

No poema a ser analisado, o título se refere à cidade de Roma, mas, ao traduzi-lo, percebemos que, para explicar as origens da *Urbs*, a ênfase está na palavra *lupa* e seus derivados. Assim se expressa mais uma vez Domingos Maurício ao falar da conclusão do poema: “Contra a cidade de Roma, jogando com os derivados etimológicos do vocábulo da legendária *lupa*, acaba por concluir, num *riktus* mefistotélico, digno de Calvino em Genebra: Na capital do mundo cristão, nada mais se encontra que... *Lupercos/Lupercalae, lupos, lupas, lupanar* (Ibidem).”

Diante do exposto, fica claro que o autor fará uso do vocábulo *lupa* e seus cognatos para criticar a Igreja e seus representantes. Como se sabe, desde os primórdios da língua latina, o substantivo *lupa* já era empregado para designar uma “prostituta”, conforme definição de Forcellini: “*Mulier corpus pretio vulgaresolita, lupa dicitur, ...*” (TLL), que se baseia em Plauto: “*Divortunt mores virgini longe ac lupae.*” (Epid. 3, 3, 403).

TEXTO

FRATRES FRATERRIMI

In Romam

Hicolles, ubi nunc vides ruinas, 1
et tantum veteriscadaverurbis,
quondamcaecalupisfuere lustra,
donec per freta vectus Arcas exul,
Pani, pelleret ut lupos, Lycaeo
lupercalia festa dedicavit:
Nudoscurrerejussitetlupercos,
Sacrum etcollibusaddiditlupercal.
Sedvisinsita, contumaxqueflecti
Pervicit genius laborem et artem,10
Et per saecula longa ne perirent
Istisfeminacollibuslupina,
Tristes progenuitsolum lupinos,
Laetosprogenuitlupossalictum.
Etconjux LUPAFaustulotyranni 15
Albanipecorisfuitmagistro;
Etquimoenia prima condidere,
Nutrivit LUPA RomulumRemumque.
EtFloralia festa sunt LUPARUM
Etquondam in media fuit Suburra,20
Vico Urbisceleberrimo, LUPANAR.
EtquosFabricios graves putabis,
Observa,invenies LUPOS voraces;
EtquasSulpiciasreare castas,
Observa,invenies LUPAS falaces.25
Et ne posse DeosLupiscarere
Credamus, sacer est LUPUS gradivo;
Et LUPOS mare laneos, et amnis
Sub cryptammediaevomitSuburrae;
Nec putrissobolesaraneorum
Non cognomine nobilis LUPORUM est. 30
Totamdeniquequantacunque Roma est
Nascentem, vegetam excute et ruentem,
Nihilcomperiesnisi LUPERCOS,
LUPERCALE, LUPOS, LUPAS, LUPANAR. 34.

TRADUÇÃO

CONTRA ROMA

Estas colinas, onde agora vês as ruínas e apenas os cadáveres da antiga cidade, foram outrora lupanares ocultos para os lobos, até que, levado através das ondas, o exilado Árcade, para expulsar os lobos, dedicou as festas lupercais a Pã Liceu. Ele ordenou que os sacerdotes lupercos corressem nus e acrescentou às colinas de Roma um lupercal sagrado. Mas uma força inata e o talento contumaz do arco produziram o trabalho e a arte, e, durante muito tempo, para que não morressem nessas colinas por meio de um ataque de loba, o solo produziu tristes lobos e o salgueiro produziu lobos alegres. E Fáustulo, pastor do rebanho do tirano Albano, teve, como companheira, uma loba; E esta loba amamentou Rômulo e Remo, os quais fundaram as primeiras muralhas. As festas das lobas são as Florálias, e onde outrora, no meio de Suburra, famosíssimo bairro de Roma, existiu um lupanar. Observa bem, pois onde julgarás encontrar aqueles sérios Fabrícios, encontrarás agora lobos vorazes; e onde pensarás encontrar aquelas castas Sulpicias, encontrarás lobas mentirosas. E para que não venhamos a crer que Deus possa precisar de lobos, Marte tem um lobo. O mar e o rio que estão sob a gruta no meio de Suburravomitam os lobos vestidos de lã; não existe a corrompida prole das aranhas, nem o nobre sobrenome dos lobos. Por fim, Roma permanece grande, mas, ao sacudir tudo que nasce, vegeta e está a ruir, nada mais encontrarás, a não ser lupercos, lupercal, lobos, lobas e lupanar.

COMENTÁRIOS

A referência a Árcade se deve ao fato de ter sido ele o rei da Arcádia que, segundo a lenda, era, inicialmente, habitada por pastores e caçadores que, além de outras divindades ligadas à natureza, prestavam culto ao deus Pan. A alusão a *PaniLycae* traz-nos à memória a origem da *lupercalia festa*, ou seja, o festival ou a festa que teria se originado na Arcádia em honra a *Pan Lyceus*, cuja etimologia nos leva a *λυκος*, “lobo”, em grego, de onde provém, em português, “licantropia”. A alusão ao covil da loba, e à origem lendária de Roma a partir da Arcádia estão presentes nas palavras de Lívio (*Ab Urbe condita* I, v):

Iam tum in Palatio monte Lupercal hoc fuisset ludicrum ferunt, et a Pallanteo, urbe Arcadica, Pallantium, dein Palatium montem appellatum; ibi Evandrum, qui ex e genere Arcadum multis ante tempestatibus tenuerit loca,...

De acordo com Plutarco (*Plutarch's Lives*), a nudez dos *luperci*, sacerdotes que presidiam a *Lupercalia*, está ligada à lenda de Rômulo e Remo. Segundo ele, antes da fundação da *Urbs*, os rebanhos dos gêmeos desapareceram e eles saíram correndo à procura deles. Para que o suor não os atrapalhasse, eles se despiram. Razão pela qual, para imitá-los, os *Luperci* sempre corriam nus. Há ainda, neste autor, uma outra versão, segundo a qual os irmãos, repletos de alegria, após terem matado *Amulius*, saíram correndo para a caverna (*lupercal*) da loba, dando origem, assim, a *Lupercalia*. Segundo Lívio (ibidem), este costume tem origem nos jovens adoradores do deus Pan (*Inuus*, entre os romanos), que, por brincadeira e por lascívia, corriam nus:

... *sollemne allatum ex Arcadia instituisse ut nudiiuvenes Lycaeum Pana venerantes per lusum atque lasciviam current, quem Romanide inde vocarunt Inuum. (...)*

A lenda do roubo do rebanho também está presente em Ovídio (*Fasti* II, 363-368). Segundo ele, Rômulo e Remo, na companhia de outros pastores, estavam ocupados com competições atléticas e, em razão disso, nus, enquanto os sacerdotes preparavam a refeição sacrificial, quando ouviram gritos vindos das montanhas, informando que os seus rebanhos estavam sendo roubados:

*dumque sacerdotes veribus trans utasalignis
extaparant, medias sole tenente vias,
Romulus et frater pastoralis que iuventus
solibus et campo corpora nudadabant.
vectibus et iaculis et misso pondere saxi
bracchia per lusus experiendabant:*

Há, nos versos 13 e 14, um jogo de palavras bem interessante. *Lupusa* aqui é o “lúpulo selvagem” que cresce em meio aos salgueiros; já *lupinus*, tipo de planta mais conhecida como *tristis lupinus*, segundo Virgílio (*Geórgicas* I, 75), era usada pelas crianças e atores no lugar de moedas. Além disso, a *Lupercalia*, como se sabe, era um festival em honra a *Faunus* (Pan, em grego), sob o título de *Lupercus*, divindade esta estreitamente ligada ao deus Marte e a outras divindades vinculadas às fontes e à fertilidade. Vale ressaltar que esta planta foi assim batizada em razão da crença dos antigos de que ela, com a ferocidade de um lobo, roubava os nutrientes do solo, tornando-o infértil.

Buchanan, do verso 15 ao 18, mostra sua erudição ao apresentar, pelo menos, duas versões para a história dos gêmeos e da loba. Primeiramente, ele nos apresenta a versão mais conhecida da história, a saber, que os gêmeos, depois de abandonados para morrer nas proximidades do rio Tibre, são encontrados e salvos por uma loba, que os amamenta. Mais tarde são encontrados pelo pastor do rebanho real, Fáustulo, que os leva para sua casa e dá à sua esposa Larência a incumbência de criá-los e educá-los, de acordo com os escritos de Tito Lívio. Após apresentar a primeira versão, o autor do poema, ao dizer que uma loba foi companheira do pastor, traz-nos à lembrança, mais uma lenda romana: a crença de que Larência teria sido, na verdade, uma prostituta a quem os pastores chamavam de *lupa*, como comprova o excerto de Tito Lívio: “*Sunt qui Larentiam volgatocorpore lupam inter pastores vocatam putent;...*” (*Ab Urbe Condita*, I, 4).

A declaração no verso 19 se refere aos jogos florais, em honra a deusa Flora, cujo objetivo era entreter os cidadãos romanos com peças teatrais, representadas por atores nus, mimos e prostitutas. Ainda sobre esta declaração, merece destaque o comentário da professora Gill sobre o pensamento dos escritores renascentistas a respeito da deusa Flora:

In the Renaissance, some writers thought that Flora had been a human prostitute who was turned into a goddess, possibly because of the licentiousness of the Ludi Florales or because, (...), Flora was a common name for prostitutes in ancient Rome.

A relação entre *Suburra* e a *lupa* se deve ao fato de este bairro ter se tornado famoso por ser um centro de prostituição em Roma.

Ao mencionar a *gens Fabricia*, Buchanan se refere, em especial, a *Gaius Fabricius Luscinus*, cônsul e censor romano entre 282 e 275 a. C.; que se tornou célebre pela sua incorruptibilidade e austeridade, razão pela qual, Plutarco nos diz que “Pirro ficou tão impressionado com o fato de não conseguir subornar Fabrício que libertou os prisioneiros sem exigir nenhum tipo de resgate em troca.” (*Plutarch's Lives*). Provavelmente o autor faz uma oposição entre o *modus vivendi* de *Fabricius* e o clero. Estes são comparados a lobos vorazes, que a tudo devoram e que se sujeitam a qualquer tipo de suborno, enquanto Fabrício é um modelo de honestidade e incorruptibilidade.

As Sulpicias, citadas pelo vate escocês, são duas: a primeira viveu durante o reinado de Augusto, era poetisa e seus versos foram preservados no terceiro livro de elegias de Tibulo, cuja autoria, durante muito tempo, foi atribuída a este. A segunda, que viveu durante o império de Domiciano, era casada com um certo *Calenus*. Marcial (X, 35) a compara a Safo, coloca-a como modelo de esposa ideal e como escritora que ensina *aspuellae* a agradar unicamente (*uni*) aos seus maridos e a estes a agradar (*uni*) às suas *nuptae*. A sua castidade vem provavelmente destes versos de Marcial e é reforçada pela presença do advérbio *uni*, que traz consigo a idéia de “fidelidade”, “virtuosidade”. Indo de encontro ao exemplo de virtuosidade das Sulpicias, aqueles que agora governam Roma, segundo o poeta, são mentirosos, falsos e cultivam os vícios em detrimento das virtudes.

Nos versos 26 e 27, o autor faz, através da palavra *lupus*, uma oposição entre a Roma de outrora e a do seu tempo. Esta, diferentemente daquela, se fosse verdadeiramente temente a Deus não precisaria de lobos (falsos sacerdotes). Ao falar da Roma clássica, ele nos lembra que o lobo era um animal consagrado a Marte, aqui representado pelo epíteto *gradivo*. A alusão a Marte se deve ao fato de ele, ao unir-se a Reia Silva, ter se tornado o genitor dos gêmeos.

Buchanan conclui o poema dizendo que, embora Roma permanecesse famosa, ao revirmos seu presente e seu passado, nada encontraremos de novo, pois, ainda que nela existisse agora uma atmosfera cristã, o comportamento daqueles que se dizem cristãos está mais de acordo com o *modus vivendi* daqueles que frequentavam os lupanares da Roma antiga.

BIBLIOGRAFIA

- BUCHANAN. *Opera Omnia*. Online: disponível na internet via <https://books.google.com>
- FORCELLINI, Egidio. *Totius Latinitatis Lexicon*. Online: disponível na internet via <https://books.google.com>
- GILL, N. S. *Roman Festival Known as the Ludi Florales in honor of the Roman goddess Flora*. Online: disponível na internet via ancienthistory.about.com
- LIVY. *History of Rome, Vol. I, Books 1-2*. With an English translation by B. O. Foster. London: Loeb Classical Library, 1998.
- MARTIALIS, M. Valerius. *Epigrammaton Libri*. Online: disponível na internet via <http://www.thelatinlibrary.com>
- PLAUTUS. *Comedies*. Online: disponível na internet via <https://books.google.com>
- PLUTARCH. *Plutarch's Lives Volume 1*. United States of America: Modern Library Paperback Edition, 2001.
- SANTOS, Domingos Gomes dos. *Buchanan e o ambiente coimbrão no século XVI*. Portugal: Revista Humanitas. Vol. 15/16, 1963/1964.